

# DIOGO-CÃO

REVISTA ILUSTRADA DE ASSUNTOS ANGOLANOS

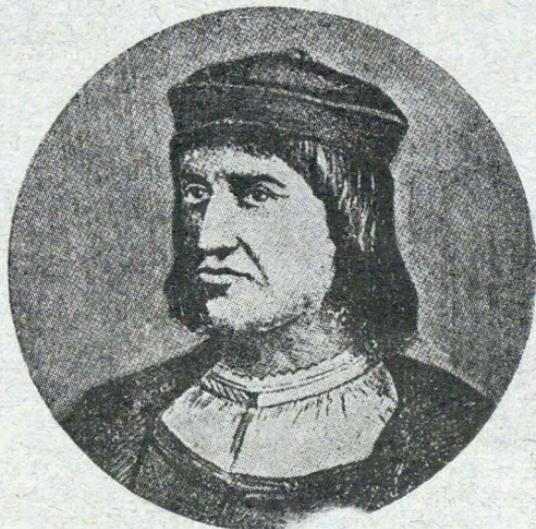
(Com tódas as licenças necessárias)

Director, redactor, administrador, editor e proprietário

PADRE MANUEL RUELA POMBO

(Missionário secular português e antiquário amador)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



## SUMÁRIO:

*Questões Marítimas Internacionais — ANGOLA-MENINA:*  
*História Natural, Geografia Física e Astronómica,*  
*Higiene ou Clima, Indumentária, Alimentação,*  
*na Guerra, Comércio, Vição, Comentários*  
*sobre Etnografia e Etnologia. (1575.-1592).*  
*—Catálogo dos Governadores de Angola.*

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

LUANDA

1933

AGENTE:

AMADEU AMORIM

LUANDA — C. P. 196

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

—MINERVA, na Travessa da Sé

—A LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia

---

Preço de cada número avulso..... 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

---

## DIOGO-CÃO

A  
NOSSA  
PRIMEIRA  
SÉRIE

*Post*  
*tantos*  
*tantosque*  
*labores...*

Graças a DEUS e à Senhora-da-Muxima, à nossa constância e à nossa teimosia, conseguimos ver publicada a nossa sonhada revista *Diogo Cão*...

Em verdade, na nossa I Série estão arquivadas mais de duas centenas de páginas da História-de-Angola, não história fantástica e falsa, mas história real e positiva.

Somos nós o primeiro a notar as deficiências da nossa investigação, mas as circunstâncias especiais em que estamos aqui no sertão da Quiçama, se não justificam, desculpam, em máxima parte, as nossas responsabilidades ou fálhas.

Não estando presente, dia-a-dia, à sua composição e impressão, impossível também nos foi, como desejávamos, dar em cada número o resumo ou sumário em latim, francês, inglês e alemão.

A secção interessante de *Toponímia Indígena Angolana*, que da melhor vontade o nosso ilustrado Amigo Sr. António de Assis Júnior se prontificou a fornecer-nos, pela mesma dificuldade de revisão, dão a pudemos iniciar.

Como os nossos LEITORFS podem servir de testemunhas de vista, variámos muito a nossa colaboração, isto-é, tratámos da

(Continua na 3.<sup>a</sup> página da Cápa)

# DIOGO-CÃO

◆◆◆ Revista Ilustrada de Assuntos Angolanos ◆◆◆

◀ SEGUNDA SÉRIE ▶

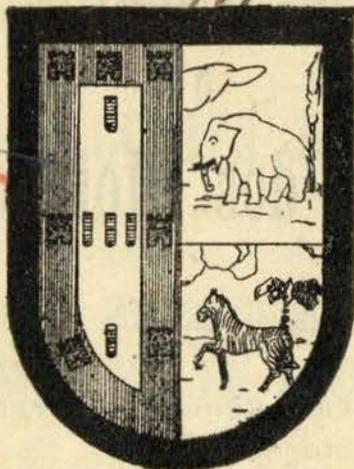
Director, Redactor, Administrador, Editor e Proprietário

Padre Manuel Ruela Pombo

(Missionário secular português e antiquário amador)

COLABORADORES SELECCIONADOS

*A Biblioteca Municipal Central*



*do  
valecío  
dos fuz  
veias*

BRASÃO  
DE ———  
ANGOLA

MCMXXXIII—MCMXXXIV

*15 de Agosto de 1648*

*a*

*15 de Agosto de 1948*

**III Centenário da Restauração de Angola**

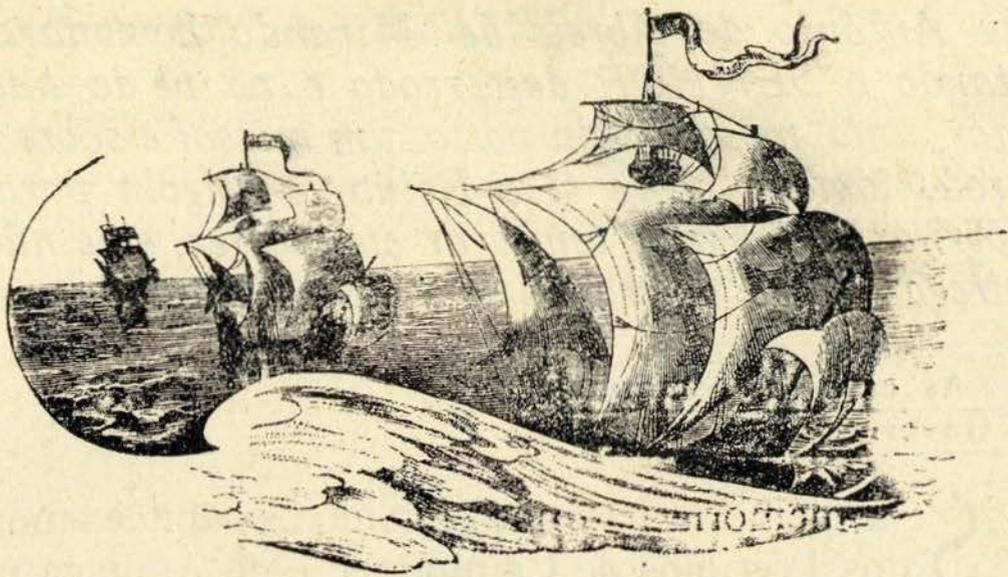
— DO —

**Podêr dos Holandeses**

*Nem sempre colhe o fruto aquele que espalhou  
a semente; mas uma nação não é  
um dia: é a sucessão das  
gerações de seus  
filhos.*

*O sa-  
crifício de hoje  
(quando sacrifício exista)  
é o penhor da fortuna de amanhã,  
e mal dos POVOS que chegaram a conservar  
apenas o sentimento do interêsse do seu dia...*

**Cliveira Martins.**



QUESTÕES MARÍTIMAS INTERNACIONAIS

I

# Os Holandeses contra os Portugueses

PRIMEIRA PARTE

**HISTÓRIA MILITAR DO CONDOMÍNIO PORTUGUÊS  
E HOLANDÊS EM ANGOLA**

(1641-1648)

*(Continuação da página 274 da I Série)*

**20 — O governador interino António  
de Abreu de Miranda**

**D**URANTE O TEMPO DA PRISÃO DE PEDRO César de Meneses, desempenhou o cargo de governador interino António de Abreu de Miranda, que foi eleito solenemente em 22 de Maio:

—«*Votaram dentro da Igreja Matriz de Maçangano com tôda a solenidade, a 22 de Maio; e, a 25,*

*deu António de Abreu de Miranda homenagem, estando o SENHOR descerrado e, ao pé do altar-mór, uma mesa e nela posto um missal e sobre êle jurou: tomava sobre si o Reino-de-Angola para o governar, defender e amparar até morrer, e de não o entregar, salvo às ordens de Vossa Majestade...»—*

### **21—As cautelas e manhas do Governador Interino**

**S**e a memória não nos engana, os capitães-móres dos Presídios de Cambambe e de Ambaca não acataram, a princípio, a autoridade de Antonio de Abreu de Miranda: vimos, nos arquivos de Lisboa, dois processos ou devassas a êste respêito, mas não tivemos ocasião de fazer o seu estudo em 1928, o que acontecerá no fim dêste corrente ano.

Os históricos maus ares destas margens do Quanza não desdizem do passado: quatro anos de estadia neste presídio foram o tempo bastante para arruinar a nossa robustez...

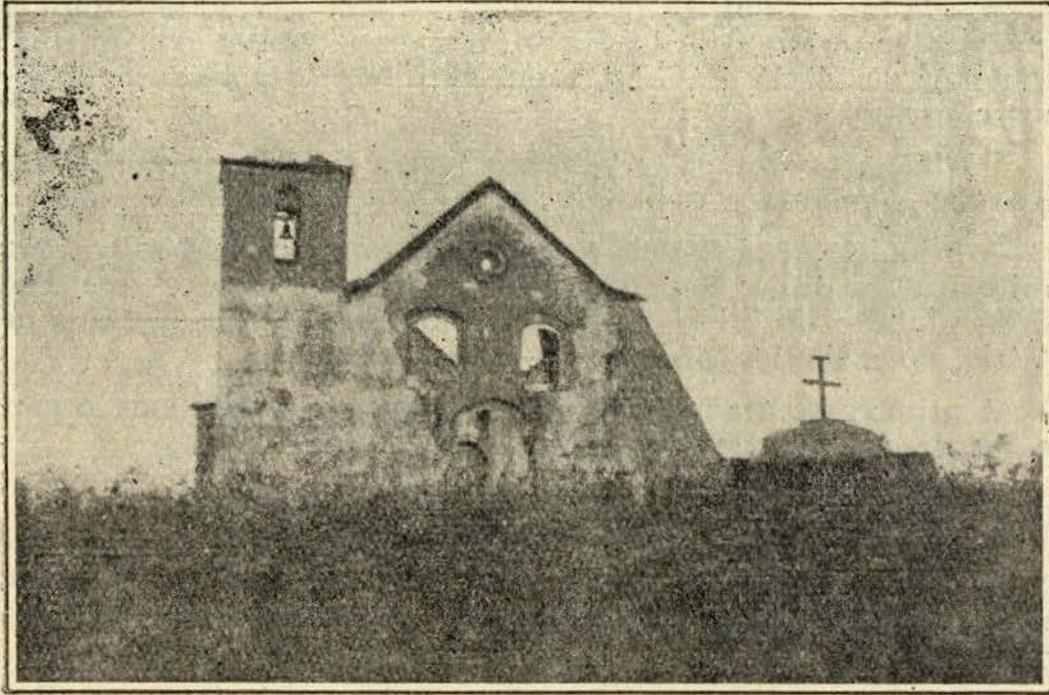
Como íamos dizendo...

Abreu de Miranda, que era um militar sertanejo valente, imediatamente repeliu com nobreza e energia as desculpas, com que os holandeses pretenderam justificar o seu cobarde procedimento.

Entretanto, recorreu à astúcia, e conseguiu trocar notícias com Pedro César de Meneses, por intermédio de pretos nossos, que tinham entráda fácil na cidade de Luanda: com tal correspondência de parte a parte se preparou e facilitou a engenhosa e engraçada fuga do nosso governador.

22 — Maçangano, a que foi capital...

Por estas razões tôdas e ainda por outras mais, quando visitamos as ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Victória de Maçangano, o fazemos devotamente, patriôticamente, de cabeça descoberta: ajoe-



Ruínas da Matriz de Maçangano

lhando sôbre aquele sagrado entúlho, rezamos, sempre, como missionário católico... e como português desiludido... uma oração duplamente fervorosa e sentida!!!...

Infelizmente para brancos & pretos, hoje em dia, o egoísmo e a ignorância, assim casados ou amancebados, não podem compreender o valor e a utilidade dos monumentos provinciais!!!...

Não são estimados.. porque são uma censúra viva!!!

Não são conservados... porque são lições de... hônra e de trabálho!!!

23 — A fuga de Pedro César

O nosso saúdoso mestre Cónego José Matias Delgado, não obstante ter empregado tôdas as diligências, não foi capaz de averiguar por quanto tempo preciso o nosso Governador esteve preso às mãos dos Holandeses.

Sabe-se que Pedro César conseguiu fugir, utilizando certo estratagemas, ao qual também não faltou a ajúla dos nossos, cá de fóra.

A cela-forno, embora tenha sido mutilada por mãos criminosas, onde esteve preso Pedro César de Meneses, ficava por de trás do altar-mór da Igreja de Sam-Paulo, cujo labirinto ainda hoje podemos contemplar.

Só lá entravam os serventes pretos, para fazer a limpeza e levar-lhe a comida e a bebida.

A princípio, a vigilância foi rigorosíssima e o nosso Governador muito mal tratado: depois, afrouxaram-na, de sorte que Pedro César, pintado de preto, conseguiu uma manhã sair da cafua para o átrio, no meio dos pretos, que faziam a limpeza.

A primeira e maior dificuldade estava vencida, mas o perigo de ser descoberto persistia...

Que momentos tam... compridos e... pesados!!!...

No átrio, formavam as turmas dos pretos que tinham de ir, em tôdas as manhãs, buscar uns—água às cacimbas da Maianga, e outros—lenha aos musseques, para os serviços da respectiva cozinha.

Foi assim, numa destas lévas ou saídas, que se passou Pedro César—preto fingido ou pintado, da cidade para o máto, no meio dos—pretos verdadeiros.

Em sítio combinado, junto da Lagoa-dos-Elefantes, a nossa gente tinha uma tipóia, servida por fortes carregadores, que, em poucas horas, transportaram Pedro César ao sítio do Tômbo, pôrto fluvial do Quanza.

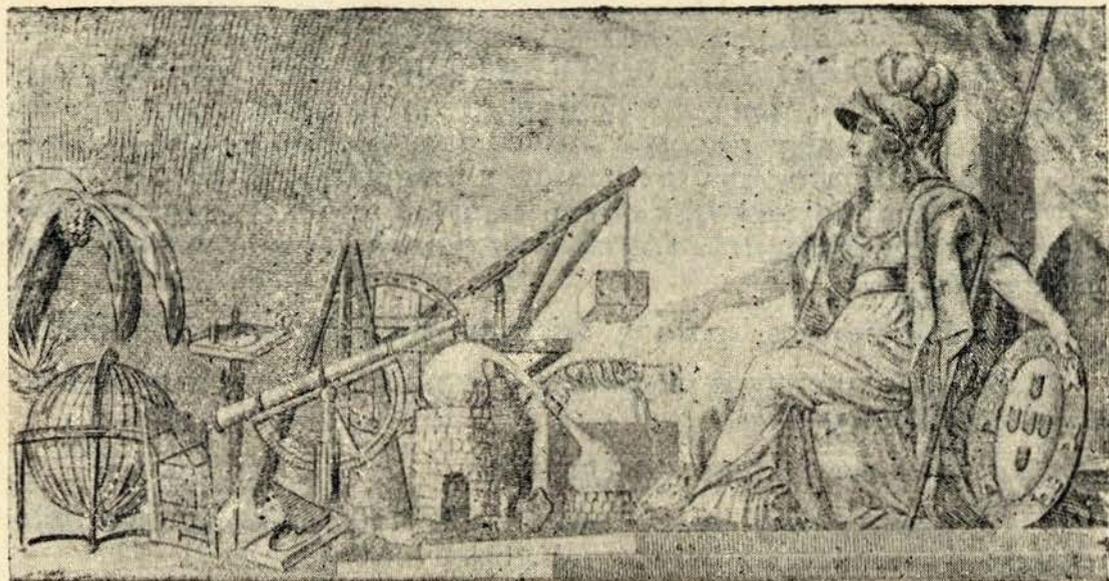
Ali, entrou numa pequena lancha, que numa noite e parte de um dia, o pôs em Maçangano, são e salvo.

Pedro César de Meneses, depois em Lisboa, contava com muita ironia aos seus colegas do Conselho-de-Guerra, com que graixa ou tinta se fizera... preto...

Quando deram pela fálta de Pedro César, os holandeses ficaram furiosíssimos!!!...

Podemos calcular...

(*Continua.*)



## Angola - Menina

(Na segunda metade do século de quinhentos)

HISTÓRIA-NATURAL,  
GEOGRAFIA FÍSICA,  
ASTRONOMIA,  
HIGIENE OU CLIMA,  
INDUMENTÁRIA,  
COMÉRCIO,  
VIAÇÃO...

Nótas arqueológicas  
&  
Comentários comparados,  
pelo  
Padre  
RUELA.

(Missionário secular)

—Ao nosso Ex.<sup>mo</sup> Amigo e Sr. Coronel Alfredo de Albuquerque Felner, também um apaixonado e decidido cultor da História-de-Angola.—

*—A participação portuguesa no progresso das Ciências-Naturais foi, na realidade, enorme. Na América, como havíamos feito na África e na Ásia, fomos os primeiros a descrever, e em regra primorosamente, os animais e as plantas mais curiosas da região. Em qualquer dos nossos velhos cronistas se encontram interessantes capítulos de História-Natural.*

**Dr. Carlos França**

## Com licença...

**N**ÃO SÓ POR CONVENIÊNCIA DE NOSSOS ESTUDOS, mas também para nosso socêgo, resolvemos não dar resposta alguma a quem, sob a cápa do anonimato, nos faz qualquer pergunta... maliciosa, nem ainda menos, a quem, também anónimo e irresponsável e cobarde, joga contra nós insultos, que, àliás, não nos atingem ou acertam...

...até gostamos, porque tristezas não...pagam dívidas!!!

Mas.. não queremos macular a...candura das páginas da nossa revistinha *Diogo-Cão*.

Não queremos ..nem devemos...

...é uma revista de cultura intelectual e não um panfleto *crespo* de...humorismo barato e...dissolvente.

De nosso lado, também nunca tivemos inveja das mercês que DEUS faz aos outros: o Sol, quando nasce, alumia a todos, é para todos; não acham ?

Na verdade, domina-nos esta paixão positiva e concreta pelo estudo da História-de-Angola e já não é de ontem, nem do ano passado, como bem sabem; por isso, temos lido muitas obras impressas e muitos manuscritos, que tratam do assunto, desde a religião á política, desde a fauna à flora, desde a higiene à colonização humanas...

Temos lido e tomado os nossos apontamentos.

Ainda que exista algum incrédulo, podemos dizer, dizer... e provar, que, sôbre História-Natural da Angola-Menina, temos fornecimento ou colheita farta e variada de material.

Para mostrar mais uma vez, e será a última, os resultádos das nossas várias e variadas investigações científicas, façam favor, caros, e também cacos, Leitores, de ler êste modesto, mas curioso ensáio.

Claro que nunca fizemos, nem jâmais faremos...monopólio de nossas búscas e rebúscas pelos arquivos e bibliotecas, nem tam pouco as julgamos completas ou infalíveis, porque, graças a DEUS, bem sabemos até onde pode chegar, chegar e...parar, a nossa fraca competência intelectual.

A nossa boa intenção, de vulgarizar os factos da História-de-Angola, quanto fôr possível e humano, atenua isso a que chamam ...ousadia de nossa páрте.

Antes de mais nada e dum modo especial, chamamos a atenção de nossos Leitores para as dátas dos documentos ou cartas, a que vamos fazer os nossos comentários, não simples e subjectivos, mas comparados e objectivos.

De facto e de verdade, os padres missionários não eram naturalistas profissionais; quando muito—curiosos da natureza, quando menos—observadores inteligentes.

Em nome da Ciência, verdadeira e progressiva, é que vamos aqui recordar os seus nomes, beneméritos e exemplares.

Para evitar repetições, dividimos os diversos capítulos em parágrafos: mas, em rigor, não podemos separar completamente os diversos assúntos.

## 1).—Botânica

### § 1.—Tacula

O CONDE-DE-FICALHO estudou a tacula às páginas 146-147 do seu incompleto livro—*Plântas úteis da A'frica Portuguesa*.

Na carta, que o padre missionário Garcia Simões, da Companhia-de-Jesus, escreveu, a 20 de Outubro de 1579, da então ainda simples vila de Sam-Paulo de Luanda, a tacula é assim descrita, quanto ao uso que dela faziam os pretos e os brancos:

—*Há pela terra dentro um pau vermelho e algum tanto cheiroso, com o qual moído se tingem alguns pretos por galantaria, desde os pés até a cabeça, e ficam cousa mui disforme, parecendo vestidos de vermelho ou encarnado, mas pela cabeça, que não tingem, se conhece a côr de seu pano, e alguns usam dêstes pós, ainda portugueses, para febres e dores de cabeça; e um homem branco me disse que o experimentara e se achara muito bem. Parece-se com pau-do-Brasil, mas não é tam vermelho.—*

Aqui na Quiçama, ainda hoje, o pó do pau-de-tacula é remédio ou *milongo*, misturado com azeite de pálma; servem-se do pó também para tingir as fazendas.

### § 2).—Cóla

O CONDE-DE-FICALHO estudou a cóleira às páginas 107-109 do já referido seu livro, que foi publicado em 1884.

Por sua vez, o padre missionário Garcia Simões, na mesma carta, descreve assim as utilidades e usos diversos da cóla (*riquesu*):

—*Esta cóla é uma fruta que usam brancos e pretos. É como castanhas muito grandes, mais vermelhas alguma cousa. É amargosa, e prová-la é provar um pouco de pau, faz os dentes amarelos, e a água em que*

se lança, dizem que é boa para o fígado, e que, lançando-se em um fígado sêdigo de uma galinha, o torna vermelho e fresco que parece tirado daquelle hora, mas o porque êstes homens communmente a usam é porque com os calores ordinários bebem a-miúde e a água sôbre ela tem muito bom gôsto. Também dizem que sustenta muito e que andarâ uma pessoa um dia todo sustentada em uma côla...—

Posteriormente, no livro de Duarte Lopes & Philippe Pigafetta se encontram também referências ao uso da côla.

Por razões sabidas, o padre Simões deixa de apontar outras utilidades das nozes ou castanhas da côla.

O dr. A. Bordier trata da noz-de-côla às páginas 170-171 do seu livro —*La Géographie Médicale*—Paris, 1884.

### § 3.—Do infunde ou infunge

Na culinária indígena, que também tem os seus manjares especiais, o *funge* faz lá a sua diferença do *matete*, principalmente no gôsto, como sabem.

O padre missionário angolano Garcia Simões, na tal carta-relatório de 20 de Outubro de 1579, dá, relativo à alimentação regional, êste curioso e preciso trecho :

—Os mantimentos desta terra são feijão...milho grosso, a que chamam maia (massa) como coentro seco, o qual comem cru como as galinhas e algumas vezes o cozem : êste é o pão dos brancos e pretos, o qual pilam em um pilão, e da farinha fazem um bôlo que cozem de redor do fogo tôdas as vezes que hão de comer ao jantâr e à cêia, porque êle frio parece resina e não se deixa tratar. Desta mesma farinha fazem uma bola redonda de massa, como cabeça de um homem, que chamam enjunda e assim o trazem à mesa...—

Quem vive ou trabalha cá pelo sertão e tem de viajar, bem sabe o que é o apetite da.. fome, em certas ocasiões; a sêde por sua vez, é muito mais torturante!!!

## II).—Zoologia

### § 1.—Os mosquitos

O padre missionário Baltasar Afonso, numa sua carta de 14 de Janeiro de 1579, dá a seguinte notícia referente aos mosquitos das margens do rio Quanza :

—Foram tantos os mosquitos que saltaram connosco que, em tôda a noute, não nos deixaram dormir, e não fomos sós nós porque a gente da terra até andava de noute correndo pela libata com umas peles de cóbra, que é seu vestido, e com elas abanavam os mosquitos.—

Nestes tempos...primitivos, os mosquitos eram apenas considerados *molestos*: os ares é que agüentavam com tôda a culpa de maus e doentios...

## § 2.—As pacaças

O padre missionário Garcia Simões, na tal carta de 20 de Outubro de 1579, nota da seguinte maneira a força e habilidades naturais ou defensivas das pacaças:

—Há outros animais como bois, que chamam empacaços; e dos couros dêstes por curtir, à falta de outros, trazem aqui as sólas. São muito bravos e tornam logo a quem lhes atira, e, aos dentes, o matam.—

Em verdade, pura e nua, doce e salgada, sólida e líquida, ainda agora nos nossos dias correntes, as pacaças, quando feridas, atacam o caçador com os ..dentes, com os...chifres, com as...unhas: não são para brincadeiras, não!!!

## § 3.—Os cavalos-marinhos

O padre Baltasar Afonso, na já citada carta de 14 de Janeiro de 1579, entre os episódios que viu ou a que assistiu durante uma viagem que fez pelo rio Quanza, incluye o seguinte;

—Há muitos cavalos marinhos, que saem pela praia e andam escavando como ginetes, e são tam grandes ou pouco menos que um elefante, e um se veio direito a mim e abriu uma bôca como a pórtta de uma câsa. É a mais feia alimária que tenho visto na minha vida; basta que peleja com o elefante, posto que nunca leva a melhor. Tem 4 unhas em cada pé e tam grande é a pégáda que como de um elefante; come também no campo ervas, e no máto...—

Vamos lá; como há pórttas de todos os tamanhos, o padre Baltasar Afonso pode ter exagerado na medida que deu à bôca do tal cavallo-marinho que correu atrás dêle, mas não é mentiroso; não, Senhores.

### III).—Geografia Física

#### § 1.—A Ilha-de-Luanda

O padre missionário Garcia Simões dá as seguintes dimensões à Ilha-de-Luanda:

—*E' esta Ilha-de-Luanda, onde estamos, de 5 léguas em comprido, e de largo um tiro de espingarda e há logares mais estreita. Estará esta ilha meia légua da bêira firme ao mais, e passam em almadias. Também usam os pretos jangadas. Terá esta ilha mais de 3.000 pessoas e as mais delas são gentios.*—

Sobre as estações, diz mais o seguinte:

—*Na Ilha-de-Luanda, as cálemas excessivas começam em Outubro e duram até Abril, e a êste chamam tempo das águas, porque chove muito com trovoadas; os outros meses são mais temperados, ainda que tudo são névoas e ventos.*—

Voltaremos a escrever da Ilha-de-Luanda, quando tratarmos da pescaria do jimbo ou zimbo.

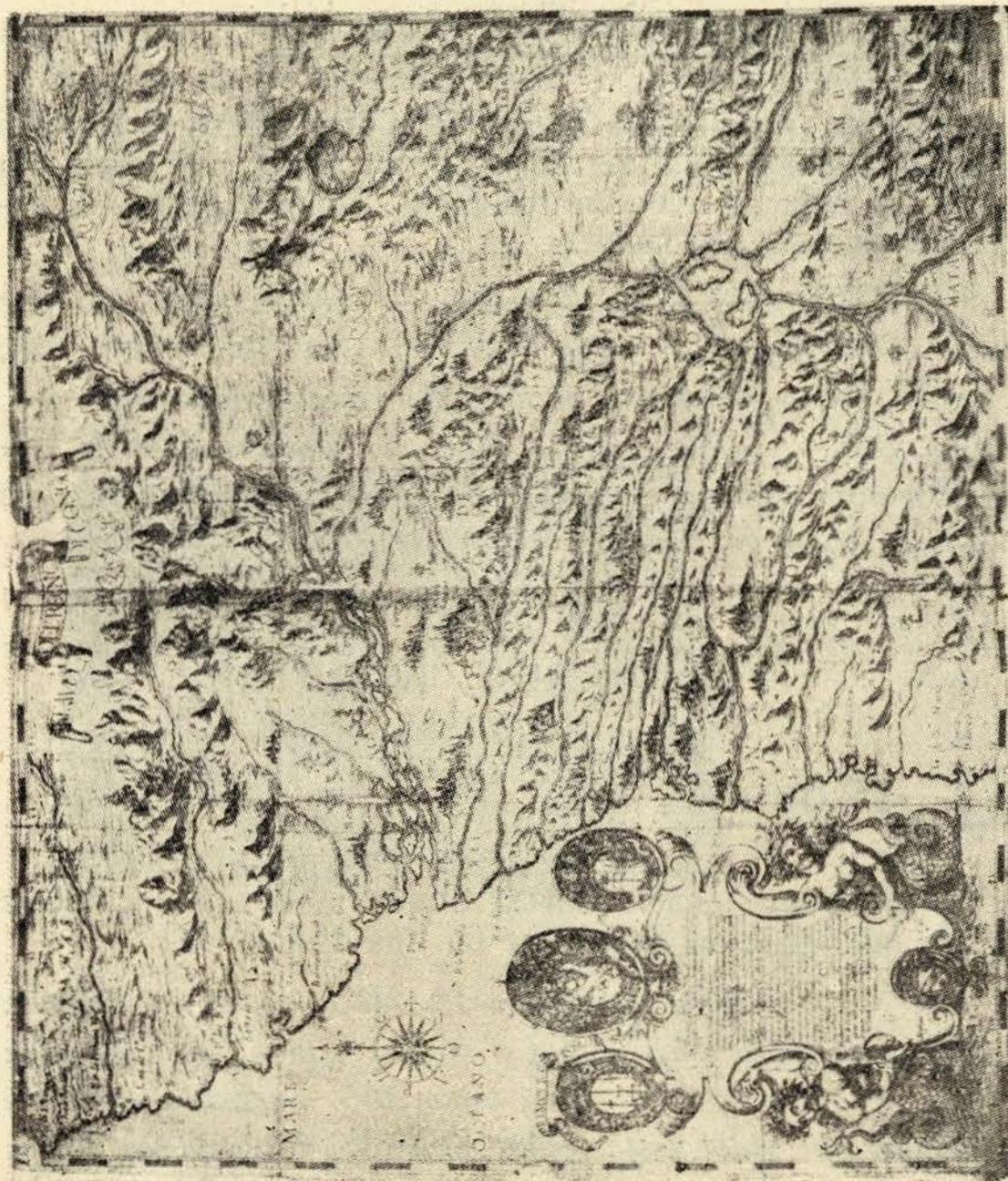
#### § 2.—Divisão territorial do Reino-de-Angola

**N**a sua carta com data de 31 de Maio de 1586, o padre missionário Diogo da Costa divide o Reino-de-Angola em três províncias, a ôlho largo:

—*Desta vila de Luanda à cidade de Cabanã (Pedras-Negras de Pungo-Andongo) fazemos 60 léguas, caminho direito; quanto há de comprimento e largura do Reino-de-Angola, não o pude ainda saber que fôsse cousa certa, porque os pretos sabem muito mal cõntas em léguas. Todavia é grande o Reino-de-Angola, porque tem três províncias:*

*Primeira—chamamos a Ilamba, que está entre o Rei de Congo e o rio Lucala,*

*Segunda—é o Musseque, que está entre o rio Lucala e o rio Quanza.*



**Mapa de CONGO e ANGOLA.—Da edição, em latim, do livro Duarte Lopes & Philippe Pigafetta.—1598.**

*Estes dois rios—Quanza e Lucala—vêm de outros Reinos, são muito grandes e daqui de Luanda a 40 léguas se juntam (em Maçangano) e o Musseque fica-lhes no meio.*

*Terceira—é a Guitama (Quiçama), que está entre o rio Quanza e o Reino-de-Benguela...—*

### § 3.—Mais produções vegetais

O padre missionário Diogo da Costa refere-se também às minas fantásticas de ouro e de prata, que foram um estímulo para os aventureiros, àliás. Sôbre vegetais, dá estas informações verdadeiras:

*—Na província do Musseque se podem fazer muitas e boas cidades, por ser terra cham e plaina. Tem muita água, regatos, fontes, frescura, muito gado e mantimentos da terra, milho grosso e miúdo, feijão, inhames, bananas e outras frutas, muitas laranjas e bons limões etc. É temperada; durá tôdas as ervas que lhe plantarem e semearem...—1586—*

## IV).—Reino Mineral

### § 1.—A água

O padre missionário Garcia Simões nota assim a fálta e a qualidade da água doce da Ilha-de-Luanda:

*—Não tem fonte de água a Ilha-de-Luanda, nem se acha pela terra dentro senão daqui a muitas léguas, mas, em cada lugar que quisermos, se acha água doce muito boa, cavando uma braça ou mais nesta areia; e, assim, dêstes póços que os pretos chamam cacimbas, há grande cópia e alguns duram poucos dias, porque se fazem salobras.—1579.—*

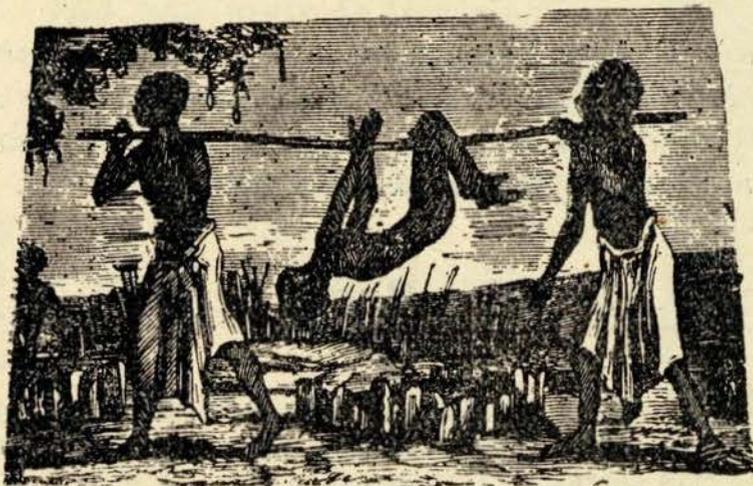
§ 2 .— O búzio ou jimbo

**N**a verdade, a Ilha-de-Luanda aparece com vários nomes nos velhos e antigos documentos: Ilha-do-Dinheiro, Ilha-das-Cabras, Ilha-da-Moeda...

Duarte Pacheco, no seu *Esmeraldo*, lá explica ou dá a razão do nome de Ilha-das-Cabras, ou Cabreira, como ainda hoje falam os pretos pescadores que lá moram.

Quanto ao nome da Ilha-do-Dinheiro ou Ilha-da-Moeda, vamos aqui dar mais um trecho da mão ou péna do padre Garcia Simões, onde há moralidade e... agiotagem:

—Esta Ilha-de-Luanda é mina de Congo, porque aqui se pesca o búzio que é dinheiro que corre em tôda esta terra e são em três manei-



ras: o mais grosso e o mais miúdo vale pouco preço e assim o joeiram: os meões é o que mais vale e mais se costuma e tem uma qualidade que houvesse de ter todo o dinheiro porque se perdem os homens, scilicet (isto-é) que a casa em que está, enquanto não é velha e de muito tempo,

Entêrra gentio só com o indispensável

não há quem nela possa entrar pelo mau chéiro que de si lança; porque é peixe, apodrece dentro das conchinhas; dez dêles vale um real, mas a cõta mais grossa não se deixa fácilmente entender, porque falam por lafuta, que são óbra de dois tostões e crescem e diminuem conforme os tempos.—1597.=

O *Dicionário Universal de Moedas*, publicado em Lisboa em 1792, dá noticia das moedas-de-conchas às páginas 109-114; e ali se encontra o seguinte trecho, que é verdadeiro:

—Não só servem aos pretos estas Conchas por servirem entre êles de moeda corrente e porque com elas resgatam ou compram cousas que assim alcançam, mas porque também servem de adôrno e fazem colares e braceletes, como as mulheres europeias de algumas nações usam e prezam os cordões de ouro: usam enfiá-las a uma e uma, como quem

enfia cõntas de vidrilho ou missanga: ou também as enfiam como se ainda estivessem pegadas e unidas pela charneira, que une ambas as válvulas, por serem de duas pârtes cada uma, a que os Naturalistas em seus têrmos ou frases caracterizam, dizendo que são bivalves, da mesma espécie ou casta das amêijoas, berbigões, cadelinhas, mexilhões, etc., por serem conchas de duas péças. A vista dêstes adôrnos nada desagrada, antes faz um estravagante esmâlte, porquanto a contrariedade ou contraposição da côr do preto ou preta e a suma alvura e candidiez da Concha é um agradável matiz. As Conchas também servem em logar de lentejoulas para bordarem seus barretes, e da mesma fôrma os panos ou tangas de que usam para se cobrirem da cintura até aos joelhos, pois os pretos e pretas, no mais, costumam andar nus.—

Ainda hoje, o gentio puro da Quiçama usa arabescos de conchas nas suas tangas. (Julião Quintinha, no livro *Africa Misteriosa* segunda edição, à página 401).

\*

\* \*

O escritor francês Charles Letourneau, no seu livro—*L'evolution du Commerce dans les diverses races humaines*—refere-se ao emprêgo dos CAURIS (*cyprez moneta*), às páginas 46, 117, 124, 532; a que classifica na secção da moeda embrionária.

### § 3.—As minas de Sal e Prata

**N**ão era só Paulo Dias de Novais e os seus soldádos que estavam iludidos com a existência...impossível das minas de prata nas sérras de Cambambe...

Também os padres missionários!!!

O sal-gêma de Ademba ou Demba, aqui na Quiçama, era moeda entre os pretos, e só deixou de ser dinheiro corrente na segunda metade século XIX.

—*On peut aussi rapprocher de ces objets monétaires le sel, que, pour les primitifs, constitue une friandise, flattant le goût; de même que les perles et les plumes flattent l'oeil.*  
— Letourneau —

Os pretos, tanto no Congo como em Angola, à chegáda dos portugueses, já conheciam e forjavam ou trabalhavam o ferro e o cõbre.

## V).—Hidrografia

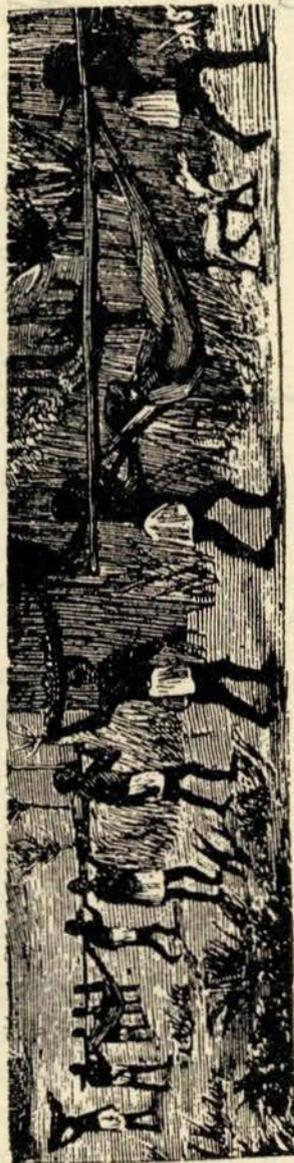
### § 1.—O rio Zaire

O padre missionário Garcia Simões faz, por ouvir dizer, a seguinte descrição do caudaloso rio do Padrão ou Zaire:

—Ao primeiro de Fevereiro de 1575 nos pusemos na altura do Rio-de-Congo, sete graus da linha para cá (Sam-Paulo de Luanda). Êste nos dizem ser grandíssimo e que entra pelo mar mais de trinta léguas. Deitando o prumo, se acharam em sessenta braças de altura, o que a todos muito alegrou.—

Por sua vez, o padre missionário Frutuoso Ribeiro, em carta de 14 de Março de 1580, descreve assim o rio Zaire, com tôda a fidelidade:

—Êste Rio-de-Congo é tam grande que se lhe não acha principio na bôca que faz, quando entra no mar. Tem 12 léguas de largura e entra no mar com tanto impeto que dez léguas por êle se acham suas corréntes... Aqui vimos cousas que escrevê-las parece que faz dúvida vê-las, porque, além da corrénte grande do Rio, víamos, no tempo das marés, pelejar a água do mar com a do Rio e se extremava uma da outra que como do branco o preto, e 20 léguas pelo mar dentro se toma água doce, a qual se pode beber e eu bebi, da qual enchiam os soldádos os barris



Mêio de transporte angolano, heje pouco usado.—Em breve tempo, a TIPOIA será recolhida a um museu...arqueológico como um...objecto inútil e de ínfimo valor artístico

*para beberem, pela qual razão podem julgar a largueza e podêr dêste Rio-de-Congo e o impeto com que entra no mar.—*

## § 2.—O rio Quanza

O padre missionário Baltasar Afonso, em 1579, além de dizer como foi encontrado morto num atoleiro um elefante, conta e canta assim a maravilhosa água do rio Quanza, maravilhosa em comparação da água salobra das cacimbas de Luanda, e ainda hoje e sempre maravilhosa em comparação da do rio Bengo ou da de outra qualquer... lagoa:

*—O rio Quanza é mui grande, tem muita água e de muito fúndo. A água em si é muito boa e sadia que, por mais que dela bebam, não faz mal...—*

## § 3.—O rio Lucala

O presídio de Maçangano tinha, tinha e... tem ainda, por padroeira Nossa Senhora da Vitória, em comemoração histórica da importante batálha que os portugueses, sôbre o comâdo de Paulo Dias de Novais, ali ganharam dos pretos no dia dois de Fevereiro do ano de 1583.

De Agosto de 1641 a Agosto de 1648, ali funcionou a capital de Angola, pois a cidade de Luanda tinha sido ocupada pelos holandeses.

Um logar, assim cheio de exemplares tradições lusitanas, tanto militares como religiosas, é hoje uma...esfinge muda e falante!!!

Aquelas ruínas, num abandôno vergonhoso, enchem de maguada tristeza o coração de quem as contempla e é instruído...

Mas...deixemo-nos de lástima e de chôro e improdutiva lamentação!!!

De facto, o egoísmo da geração actual é tam ignorante e estúpido que até impede a cultura e imitação do brio e da nobreza de carácter de nossos Antepassados.

Hoje não se vive, nem se goza: vegeta-se—quando meos, finge-se produzir—quando muito...

Nes outros tempos, Maçangano, que fica situado na ponta da terra firme entre o rio Quanza e o seu afluente Lucala; era ou foi um sítio militar, verdadeiramente e plenamente estratégico; mas ... muito doentio.

O padre missionário Baltasar Afonso dá a seguinte notícia:

—Os portugueses estão entre dois rios muito fortes que só por uma ponta lhes podem entrar por terra, que dois tiros defenderão a entrada. . . —1584

#### § 4.—O rio Mucoso

**T**ambém afluente da margem direita do rio Quanza, o Mucoso, no tempo das chuvas, *traz a sua corrente mui arrebatada*. Só então é perigoso ou caudaloso.

### VI).—Astronomia

O padre Baltasar Afonso, noutra carta de 26 de Abril de 1578, refere dêste modo o aparecimento dum cometa:

—No ano de 1577, se viu cá em Luanda um grande cometa: o dia em que o vimos, foi aos 5 de Novembro. A primeira vez appareceu depois do sol posto meia hora e dali por diante ficou de dia para dia mais alto. Durou dois meses inteiros até se desfazer de todo.—

Não temos a menor dúvida em afirmar que êste é o tal cometa, que *anunciou* o desastre de Alcácer-Quibir. Na revista de Lisboa—*Feira da Ladra*—no tómo I, e às páginas 97-100, o sr. Gusmão Navarro dá uma interessante narrativa dêste fenómeno natural, que o povo, na sua alucinação, considerou como um *aviso* da catástrofe nacional.

## VII).—Higiene ou Clima

**A**ntes de passar para a frente, embora não venha lá muito a tálho de podão ou de catana, vamos aqui transcrever, referente a Sam-Tomé, um trecho da carta do padre missionário Frutuoso Ribeiro, com dáta de 14 de Março de 1580:

—*Os moradores brancos da ilha de Sam-Tomé são poucos, os quais andam tam amarelos que parecem homens desenterrados, porque a terra é muito doentia.*—

Em carta de 4 de Julho de 1581, o padre missionário Baltasar Afonso, conta assim a malignidade dos ares da Quiçama:

—*No pôrto do fidalgo por nome Muxima estivemos 15 dias, em fim de Outubro e principio de Novembro do ano de 1580, e, por serem muitas as chuvas, nos começou a adoecer muita gente, principalmente os que tinham vindo novamente de Portugal, e de doenças muito perigosas.*—

No início da conquista de Angola, como se vê, os soldádos novos, que de Lisboa vinham para refôrço ou socôrro de Paulo Dias de Novais, adoeciam logo à chegáda.

Na carta de 19 de Janeiro de 1585, o missionário jesuíta padre Baltasar Afonso dá mais esta seguinte informação... sanitária:

—*Partimos de Luanda, no dia primeiro de Outubro de 1584, no tempo que são as cálmas muito grandes e perigosas por ser entráda das águas ou chüva, Pusemos 20 dias até chegarmos onde estava o governador Paulo Dias de Novais. Logo depois de nossa chegáda a 5 dias, adoeceu a gente nova tôda que não ficou mais que um cento e havia 70 doentes, que foi cousa nunca vista dentro de três dias caírem todos. Deu muito trabalho ao Governador e mais soldádos velhos, porque ficaram os remédios, assim de médicos como botica e consérvas, tudo nesta Luanda, tudo por descúido dos capitães. E não se tomar logo Angola foi por a armáda vir fóra do tempo e no tempo, que vieram, de doenças; e, todo êste ano, os que escabaram, não pelem, porque dura a doença muito tempo e não se acham bem senão de maio por diante, que não há já cálmas mas tempo mui temperado...*—

Digam lá o que quiserem: aqui está uma verdadeira lição histórica de medicina tropical, com um verdadeiro fundo científico ou climático.

\*

\* \*

O illustre e ilustradíssimo higienista brasileiro sr. dr. Afrânio Peixoto, não concorda com a classificação: medicina tropical e doenças tropicais...

Como somos profano na questão, até que melhor nos ensinem, seguimos o critério do publicista francês dr. Bordier, que se encontra no livro—*La Geographie Medicale*—que aqui temos, repetimos, na nossa mesa de trabalho, em edição de 1884.

## VIII).—Indumentária

**P**odíamos escrever mais algumas coisas sobre antropofagia, sobre azeite de palma sobre vinho de palma e vinho de farelos de milho e vinho de mel, sobre pássaros de que há muita diversidade e dêles boa cópia, também de peixes do mar, dos rios e das lagoas, mas... fica para outra ocasião.

Quanto ao trájo, na verdade, os pretos são muito conservadores ou simples e não conhecem o que a civilização e o luxo chamam a... moda!!!

—*Parecem êstes pretos, no trájo, ao nosso Pai-Adão, que se cobria com umas fôlhas no Paraíso-Terreal, depois do peccado; assim andam êstes pretos nus, cobertos, somente pela cinta e dois palmos abaixo com uma entrecasca de uma árvore grande, que é aqui comum, que êles chamam licondo. E disto mesmo são os sacos em que êstes mesmos pretos trazem aqui a vender o seu milho, aos quais sacos chamam enseques, e são à maneira de foles de Portugal, em que levão pão ao moínho. Quanto ao trájo e libré de que usam os pretos: alguns—rapam a cabeça, deixando somente uma ponta de cabelos e torcidos direitos acima, outros—deixam um diadema, outros—como gorrinha: tudo isto por galantaria. As cortesias, de que usam com o seu Rei e entre si, é baterem as palmas uns para os outros, a que êles chamam sequerila (masaquirilu). Costumam tomar o que se lhes dá ainda que seja uma cóla ou outra cousa mais pequena com ambas as suas mãos...—1579.—*

Actualmente, o gentio puro da Quiçama dorme e veste ainda assim:

—...esteiras (maxissa), que lhes servem de cama; licondos, que são seus vestidos, que tiram das árvores tam grandes como castanhei-

ros, e da cásca picada fazem uma tira...rala e macia, e com isto antam vestidos...—1583—

Mesmo no tempo do calor de abafar, os pretos têm, nas suas cubatas ou quartos de dormir, uma fogueira acesa durante a noite:

—Dizem os pretos sempre que morrem de frio, por maiores cálmas que façam, e dormem tôda a noute com um fogo diante e outros aos pés, porque a sua roupa é a com que nasceram; o que mais tem, é um luando que chamamos esteira, que deitam sôbre si...—1578:—

—Todos são despidos da cintura para cima, e, por mais cálma que faça, sempre dormem ao fogo,—1583.—

—Andam com uma péle diante e outra detrás; e, quando se vêem acossados dos nossos na guerra e que lhes é necessário fugir, além de deixarem armas, botam (fóra) também as peles, para correrem melhor —1586.—

Afinal das cõntas, ainda hoje em dia há médicos que reconhecem a vantagem sanitária da lareira tradicional dos pretos, na quádra fria. —(Dr. J. Firmino Sant'Ana. *Revista Médica de Angola*. Vol. II, número 4 e página 96):

A fumaça também afujenta os mosquitos.

## IX).—Alimentação

Já dissemos algo do funge, mas, sôbre a alimentação dos pretos das beiradas do rio Quanza, aqui ficam mais estas informações velhas e antigas e fidedignas:

—Não se mantém doutra cousa senão de raizes de tabúa de Portugal, o que nunca nestas partes achei cousa que fôsse semelhante a alguma de Portugal como é esta. Comem-na crua e assada e sêca ao sol e, depois de pisa-la, a fazem em farinha. Também comem outra raiz de pau e tem uma ponta de azedo...—1579—

Os pretos comiam e comem carne de pacaça, de cavalo-marinho, de jacaré nem todos, de tubarão, de fóca ou peixe-mulher, de pássaros; e peixe, que preparam ao fúmo e de que o rio Quanza é rico, tendo as lagoas também muito cacusso e bagre e mussolo.

Da origem americana e da utilidade da batata-doce (n'bonzo) e da raiz do chamado pau-da-mandicca (quiringo) dão notícia desenvolvida, respectivamente:

Conde-de-Ficalho, às páginas 226-231, 251-257 do seu livro incompleto—*Plântas úteis da Africa Portuguesa*, e

Dr. Carlos França, às páginas 88-89, 101-102 da *Revista de História*, ano XV.

## X).—Nos Combâtes

Como vão ver com os próprios olhos, os pretos de Angola eram valentes e ciosos da sua selva: de sua parte, os portugueses fizeram a conquista, palmo a palmo, demorada, sacrificada, ou regada a muito sangue.

Em igualdade de armas, e contra o número, os nossos Antepassados não poderiam ter feito coisa alguma.

Na sua carta de 20 de Outubro de 1579, já tantas vezes citada, o padre Garcia Simões faz esta confissão:

—... são mui ligeiros, porque vimos aqui alguns pretos que volteavam com a sua espada e adarga que punham a todos em admiração, e, se não valessem as espingardas aos nossos, não se poderiam deles defender, porque, além disso, são bons frêcheiros e continuamente trazem seu arco e flechas nas mãos.—

Também de nosso lado, o armamento deixava muito a desejar. Basta considerar o aviso, que deu para Lisboa, na carta de 19 de Janeiro de 1585, o padre missionário Baltasar Afonso:

—Uma cousa hei-de avisar à Vossa Reverência que é serviço de Deus, que me parece que, se El-Rei fosse informado da verdade, proveria nisto. Todos os arcabúzes, que vieram nesta armáda, não servem cá mais que de matar os soldádos, que atiram com êles, porque diante de mim arrebentou um que matou um soldádo que, em tôda a sua vida, andou em Itália e em outras partes e veio a acabar com lhe arrebentar o arcabuz nas mãos; e a cada passo arrebentavam tantos que, quando chegámos, posto que levavam sobressalentes, já faltavam. Não servem cá senão espingardas compridas e estas—feitas de bons officiais e não de Frandes.—

O licenciado Domingos de Abreü e Brito, depois de ter feito em Luanda o inquérito ou sindicância ao govêrno de Paulo Dias

de Novais, escrevia, em 1592, na cidade de Lisboa, no seu *Sumário...*; o seguinte:

*—Mais mil espingardas de cinco palmos e meio os canos, porque, de menos comprimento, não se podem caçar os inimigos, por abrangerem muito com a força de seus arcos e zagaias; e devem ir com as suas bôlsas e cargas, fôrmas e munições...—*

Logo à primeira leitura se nota ou reconhece: Abreu de Brito, no seu inquérito, reproduz tal e qual o pensamento ou ideas dos missionários jesuítas, sóbre a conquista de Angola.

Em matéria administrativa e financeira, como escrevia lá longe em Lisboa, é rigoroso e severo, tanto nas censuras que faz, como nos erros para que pede castigo ou correcção. Mais uma vez o dizemos: Paulo Dias de Novais foi um grande e valente militar, mas não podia ser, como não foi, um bom administrador...

## XI).—Comércio

**N**a vida comercial, era seguido o sistema de tróca, conforme diz o padre Garcia Simões:

*—Quanto ao mais que corre, é como trôco, porque (os brancos), se querem um bar de galinhas, dão uma tērça de palmilha azul, que os pretos usam como cinta (tanga), e assim por pano e margaridita se compra o mantimento e os próprios pretos.—*

Os indígenas sempre tiveram e têm o gôsto do mercado ou feira ou quitanda, que fazem à sombra das árvores ou à beira das estradas ou nas margens dos rios:

*—Têm muitas galinhas e capões, que é seu dinheiro, e, por isto, andam com os animais de feira em feira a trocar por sal, o sal por castrões, e os capados por bois, e os bois por peças (escravos), as peças por margaridita e palmilha.—*

Mais tarde, foram creadas importantes feiras em logares marcados do sertão, com grande movimento, e fiscalizadas pela autoridade branca, para evitar os abusos.

## XII).—Viação

**A**s águas do rio Quanza eram a... via ou a estrada de penetração mais fácil para a conquista: os portugueses, é certo, não foram felizes na escôlha desta região tam doentia e ingrata... não foram...

Conhecemos, apenas por catálogo, o livro de Léon Metchnikoff—*La civilisation et les grandes fleuves historiques*—: há meses, pedimos êste compêndio de Geografia-Humana a um alfarrabista de Paris, mas já tinha sido vendido o exemplar.

A ilusão das minas de prata de Cambambe tem esta apreciação filosófica no livro *Ano Santo*...do padre jesuíta António Franco:

*—Assistiu (o padre Baltasar Afonso) por vezes no exército dos portugueses, que andava na conquista das minas de Cambambe, em que a cobiça tinha fingido môtres de prata, mas, por fim de largos anos e guerras, conquistada a terra, nada se encontrou do que se sonhava...—*

Quanto à idea da travessia, por terra, de Angola para Moçambique, na verdade, ela não é nova.

Já em 1512, el-rei dom Manuel I, nas instruções que deu a Simão da Silva, recomenda-lhe que fizesse, por si ou por outros, tôdas as diligências para estudar o rio Zaire e os povos de suas margens.

Simão da Silva, porque morreu logo, não executou as ordens reais.

Por sua vez, em 1521, Gregório de Quadra, que era um marinheiro valente e corajoso e homem amante de aventuras, não realizou a travessia da África ou de Angola para Moçambique, porque os portugueses, que assistiam no Oiteiro de Sam-Salvador de Congo, impediram o seu projecto.

Gregório de Quadra, vencido, mas não convencido, fez-se frade capucho.

Na verdade, as margens do baixo Zaire, por sua própria natureza alagadiças, foram sempre mui doentias, como ainda são hoje: logo no princípio, foram considerados maus —os ares: e os mosquitos—impertinentes, porque durante a noite não deixavam dormir em socêgo quem, pela razão do calor, não podia abafar-se com roupas grossas.

Em 1526—Baltasar de Castro, e, em 1536—o açoriano Manuel Pacheco tentaram navegar o rio Zaire *para cima daquela quebráda que o rio tem . . . e ir descobrir o lago*, mas não conseguiram.

Mas . . . voltemos ao rêgo . . .

Provado fica que a idea da travessia de Angola, por terra, para Moçambique, já vinha de tempo remoto.

O padre missionário Diogo da Costa, em carta de 1586, escreveu o seguinte, assim a ôlho largo:

—*Daqui de Angola ao reino de Monomotapa é perto, porque se não mete no meio mais que dois reinos pequenos e é gente muito mais capaz e de melhor engênho que estas de Angola.*—

O mesmo afirma, em 1592, no seu *Sumário . . .*, o dr. Domingos de Abreu de Brito, achando fácil (*de dizer no papél*) o caminho entre as duas costas—das serras de Cambambe às serras de Monomotapa.

## XIII).—Etnografia

Nestas nossas modestas nótas e nestes insuficientes comentários, em geral encontram-se diversas referências aos costumes familiares dos pretos: quem está ao facto das circunstâncias da formação moral e intelectual dos missionários jesuítas, sabe ou conhece as razões ou motivos desta parcimónia ou modéstia, talvez exagerada.

—*A gente não sabe duvidar, nem perguntar; por onde os levam (os pretos), por aí vão. Adoram paus e pedras. Sua bem-aventurança é comer e beber e ter muitas mulheres. Entre êles há muitos feiticeiros e feiticeiras e bruxas... Uns para os outros usam de peçonhas pestíferas, que logo matam.*—1586.—

Quanto à longevidade dos pretos, hoje em dia, certamente devido ao poder...destruidor e...irresistível e...desenfreado da DOENÇA-DO-SONO, é muito raro encontrarmos VELHOS. No entanto, já com êstes dois olhos vimos alguns, tais e quais assim:

—*Algumas vezes vai um homem dar com alguns pretos tam velhos que parece que de velhos perdem o couro, porque parecem peles de cordovão, feitas em couros velhos, tanto que parece terem outras debaixo daquelas.*—1578.—

---

Talvez não fiquem aqui deslocadas estas ligeiras e rápidas linhas, que vamos traçar, a respeito da geometria-médica das zonas e sectores... do atáque-milongueiro contra a maldita DOENÇA-DO-SONO ..

No nosso humilde, e de pouco valor, parecêr, o primeiro e indispensável e urgente serviço, que tem de ser manobrado neste sertão, pelo menos da Quiçama, — é compellir tôda a população indígena a estabelecer-se em logares saneados ou bons para a vida, deixando assim os sítios maus ou mátas, onde se abrigam ou estão as malfeitoras

moscas, que, gulosas do sangue humano, transmitem ou pegam, com a sua picada, a devastadora e triste doença.

Se não fôr praticada esta SANTA VIOLÊNCIA, julgamos que nada se consegue: além de ser tempo perdido, os Senhores Médicos gastam à-tôa as suas mais caridosas intenções... ou energias...

... e também se estraga muito dinheiro, sem a mínima utilidade... social.

Nesta estratégia, têm de concordar ou unir-se tôdas as Autoridades e até os Fazendeiros ou Agricultores.

No entanto, ninguém deve ficar a dizer que pretendemos tolamente ensinar o *padre-nosso* ao reverendíssimo senhor vigário...

### Conclusão ...

Estas informações variadas, que nos deixaram, na segunda metade do século XVI, nas suas cartas-relatórios, os padres missionários, relativas à ANGOLA-MENINA, não são para desdenhar, nem para desprezar...

Sôbre o também CONGO-MENINO, aqui temos muito material, mas...fica para outra ocasião: tenham paciência, fiquem esperando...

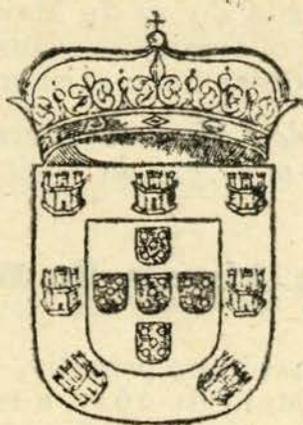
*Paulatim sed firmiter.*

Presídio de MUXIMA

Dezembro de 1932

**Advertência**—*Na verdade, para darmos inteiro êste nosso ensaio arqueológico, algumas das costumadas secções desta revista não puderam ser agora publicadas neste número: aqui apresentamos as nossas desculpas e, de futuro, prometemos a sua continuação.*

P. R.



DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 1640...

## Efemérides Provinciais

CATÁLOGO

DOS

GOVERNADORES DE ANGOLA

*(Pelo Cônego JOSÉ MATIAS DELGADO,  
que Deus haja).*

(Continuação da página 298 da I Série)

### **XX—Pedro César de Meneses**

(Depois da Restauração)

**A** notícia da Revolução do dia PRIMEIRO DE DEZEMBRO DE 1640 chegou à Luanda em Agosto de 1641, no princípio.

Pedro César aclamou logo dom João IV.

A 26 de Agosto uma poderosa armáda holandesa apoderou-se do pôrto e cidade de Luanda. Pedro César e a gente portuguesa retiraram-se para o interior, porque não era possível resistir a tai invasão.

Maçangano passou a ser a capital do govêrno português.

Quando, na madrugada de 17 de Maio de 1643, os holandeses cobardemente atacaram o arraial português no Gango, junto da bária do Bengo, Pedro César ficou prisioneiro,

(*Biblioteca Nacional de Lisboa. Manuscrito ou Códice 7162, núcleo antigo, fôlha 132*).—(Veja-se p. 272 da I Série).

## **XXI—António de Abreu de Miranda**

Foi eleito por aclamação no presídio, então capital, de Maçangano, em 22 de Maio de 1643, e fez o juramento solene no dia 25.

Por carta-régia de 18 de Agosto de 1644 foi confirmado no govêrno, enquanto durasse a ausência de Pedro César ou El-Rei não mandasse outro governador.

### PRÓVAS

António de Abreu de Miranda não estava no arraial do Gango, quando os holandeses praticaram aquela traição, pois, no princípio de Maio, tinha sido encarregado por Pedro César de ir fazer guerra aos sobas rebeldes da raia do Congo, que, poderosos, vinham com mão armada contra os sobas nossos vassallos, e dirigiam-se para os presídios, em principal intenção para o de Ambaca.

Miranda saiu a cumprir a ordem do governador e a organizar o polêr com que os havia de atacar. Quando soube do atáque cobarde dos holandeses ao arraial, recolheu-se a Maçangano, por estar perto dali e assim receber protegido o embáte.

Conclue-se isto tudo do original da Consúta de 23-VII-1644, motivada pela carta de Miranda de 2 de Novembro de 1643, escrita do arraial de Quibanza.

A carta-régia de 18 de Agosto de 1644, que foi a resposta à carta de Miranda de dois de Novembro, está no Livro I de Cartas de tôdas as Conquistas, à fôlha 26.

## **XXII—Pedro César de Meneses**

### DÁTAS

É provável que tenha fugido de Luanda no primeiro quadrimestre de 1644.

Em 2 de Novembro de 1643 ainda ali estava preso.

### PRÓVAS

Nada sei ao certo a respeito da dáta da fuga de Pedro César

de Meneses do podêr dos holandeses. Cadornega que tambem a podia dar, não a dá.

O mais que digo, é opinião minha, excepto a dáta de 2 de Novembro, que é a da carta acima citada do Miranda.

## XXIII—Francisco de Souto Maior

### DÁTAS

Saíu do pôrto do Rio-de-Janeiro em 8 de Maio de 1645 e chegou ao pôrto de Quicombo em 23 de Julho, mas só tomou posse do govêrno em 25 de Outubro, no sítio do Quanza, em terras do soba Senga ia Aquimona, defronte da ilha de Gaspar Gonçalves. A Câmara escreveu de Maçangano em 2 de Dezembro a agradecer a El-Rei dom João IV o socôrro, que lhe mandou com o governador Souto Maior.

Morreu em Maio de 1646.

### PRÓVAS

As dâtas da sua saída do Rio-de-Janeiro e da chegáda ao pôrto de Quicombo são dadas na sua extensa carta de 13 de Outubro de 1645, escrita de Santa-Cruz de Quicombo.

Escreveu dali outra carta em 17 de Outubro, e mais outra em 4 de Dezembro, mas esta foi do que êle chama Arraial-do-Quanza.

Estas três Cartas, que são muito curiosas e cheias de pormenores existem na Secção Ultramarina da Biblioteca Nacional de Lisboa. (Hoje—estão no Arquivo Histórico Colonial, na Junqueira).

A dáta da posse, preito, homenagem e juramento à Câmara consta dos autos que esta mandou em 2 de Dezembro de 1645 com carta sua de Maçangano para el-rei dom João IV, na qual lhe agradecia o socôrro que tinha ido com o gov. Souto Maior.

O auto da posse diz que esta foi no—*Sítio do Quanza, em terras do soba Senga ia Aquimona, vassalo de El-Rei, defronte da ilha de Gaspar Gonçalves, aonde estava situado o Governador—*.

As três cartas de Souto Maior foram tratadas pelo Conselho-Ultramarino nas consultas de 17 de Janeiro de 1646 e de 13 de Abril do mesmo ano. (Livro I de Consultas Mixtas, às fôlhas 283 e 330.)

A morte de Souto Maior, em Maio de 1646, só consta dos Catálogos dos Governadores de Angola.

Cadornega não a dá.

Lisboa,

Janeiro, 1929.

*Jose Mathias Belugas*

Com a licença da Autoridade Eclesiástica

**Visado pela Comissão de Censúra**

COMPOSTO E IMPRESSO  
na TIPOGRAFIA MINERVA  
LUANDA

descoberta e ocupação primeiras de Angola, de religião, de bélica ou militança, da ciência tropical, de direito marítimo, dos governadores, das lutas internacionais:

—A maior devoção patriótica foi prestada fervorosamente ao navegador DIOGO CÃO, nosso patrono, e honra da província de Trás-os-Montes,

—Fizemos a necessária referência à conquista de SEUTA e aos planos do Infante-dom-Henrique, o primeiro...colonial português, e que morreu cheio de...dívidas,

—O fundador da cidade de Luanda, PAULO DIAS DE NOVAIS, mais uma vez, mereceu-nos a mais alta e digna consideração como militar valente e brioso que foi, mas não como administrador da fazenda nacional.. cujo cargo exercitou desordenadamente,

—O padroado civilizador da Ordem-de-Cristo e os negócios políticos da Colónia-Menina não os pusemos de lado ou foram esquecidos,

—As três Fortalezas da cidade de Luanda, se não as estudámos a rigor, certamente, no que a seu respeito dissemos, uma ou outra informação é inédita ou pouco conhecida,

—O nosso estudo do Condomínio Português & Holandês em Angola, (1641-1648), continuará a ser publicado nesta II Série; alternadamente com outros assuntos franceses e ingleses: vão ver,

—E, para acabar, até do direito internacional marítimo algumas referências fomos obrigados a fazer...

Isto dizemos, considerando a nossa I Série por grosso ou atacado, porque, a retalho ou por miúdos, vamos cumprindo rigorosamente o PROGRAMA, que fizemos e apresentámos: a História-de-Angola, que investigamos e estudamos e ensinamos, não é invenção...épica e lírica e dramática da nossa... cabeça, mas... funda-se nos DOCUMENTOS autênticos e imparciais e rigorosos;

Nem tôdas as nossas notas ou informações estão completas, porque, longe dos arquivos de Luanda, não podíamos esclarecer as dúvidas de nossos verbetes ou apontamentos.

Os ELOGIOS e as CENSURAS, que nos fizeram, os primeiros —não nos *engordam*, as segundas—não nos *secam*; uns & outras só nos dão maior coragem e maior consêlo para continuarmos, SATISFEITO, com êstes nossos estudos ou investigações de História-de-Angola...

... e aqui também fica patente o nosso amor, verdadeiro e produtivo, à Colónia de Angola.

Temos o... orgulho santo da nossa... modéstia e do nosso... trabalho: confessamos.

*Presídio de MUXIMA,*

Janeiro de 1933

**Padre RUELA**

# Petipé...literário

- I)—A revista ilustrada *Diogo-Cão*, de vários o variados assúntos velhos e antigos angolanos, contém nas suas páginas *material* sôbre

## HISTÓRIA

GEOGRAFIA,

COMÉRCIO,

CIVILIZAÇÃO,

ARTE,

ETNOGRAFIA E

CRÍTICA.

- II)—Tôda a *colaboração*, tanto a literária como a artística, é solicitada ou pedida directamente por nós.
- III)—Os artigos ou trabalhos assinados são da absoluta *responsabilidade* de seus *autores*.
- IV)—Não são permitidas *polêmicas* de carácter pessoal ou individual.
- V)—A revista *Diogo-Cão* publica-se em *séries* de 10 números, tendo cada um, pelo menos, 32 páginas.